

*Ana Carolina Walczuk-Beltrão*

## COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL: NOVO CAMINHO PARA AS AULAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

**Resumo:** o artigo expõe a o estudo da comunicação intercultural no contexto de aprendizagem formal de línguas estrangeiras, que objetiva conduzir os falantes/aprendizes à competência comunicativa junto a membros de diversas culturas. Definem-se os conceitos de “comunicação intercultural”, “competência comunicativa” e “competência comunicativa intercultural”. Observam-se as relações entre língua, cultura e comunicação, com ênfase nas influências de padrões culturais sobre os processos de comunicação. Expõe-se a atual abordagem de componentes culturais em livros didáticos e em salas de aula. Defende-se a inserção da dimensão intercultural nos planos de estudo de línguas estrangeiras, promovendo-se o conceito de “mediador cultural” como modelo para o falante de línguas estrangeiras. Oferecem-se os princípios e as técnicas da comunicação intercultural aplicáveis às aulas de língua estrangeira, guiando o professor em busca de novos objetivos interculturais nas salas de aula. Por fim, propõe-se a auto-percepção e auto-avaliação dos aprendizes de línguas estrangeiras no que se refere à competência intercultural.

**Palavras-chave:** comunicação, cultura, comunicação intercultural, aulas de língua estrangeira, competência intercultural

**Title:** Intercultural Communication: a New Path for Foreign Language Classes

**Abstract:** The article exposes the study of intercultural communication in the context of formal foreign language learning, which aims at the communicative competence of speakers/learners among members of different cultures. The concepts of “intercultural communication”, “communicative competence”, and “intercultural communicative competence” are given. The relations between language, culture, and communication are observed throughout the article, emphasizing the influence of cultural patterns on communication processes. The article also exposes the current approaches to the cultural component in foreign language didactic books and classes. The adoption of the intercultural dimension in the curriculum of foreign language classes is defended by the author, promoting the concept of “cultural mediator” as a model for the speaker of foreign languages. Intercultural communication principles and techniques applicable to the foreign language classes are suggested, in an attempt to guide the foreign language teacher in search for new intercultural aims in the classroom. Finally, the author proposes the adoption of self-evaluative techniques for learners of foreign languages to assess their level of intercultural competence.

**Keywords:** communication, culture, intercultural communication, foreign language classes, intercultural competence

Falar aos poloneses sobre a importância de aprender línguas estrangeiras seria, no mínimo, algo óbvio. Seja pelo desenvolvimento pessoal, pela concorrência no mercado de trabalho ou pela necessidade de comunicação com falantes de outras línguas, os cursos de idiomas se proliferam pela Polônia, e as carreiras universitárias dentro do perfil filológico e/ou de culturas e literaturas estrangeiras conquistam cada vez mais prestígio e popularidade. Afinal, comunicar-se com o resto do mundo – ou pelo menos com o resto da Europa –, na atual conjuntura política e econômica, é necessário e também sedutor.

No entanto, a maioria das pessoas que desejam aprender uma segunda língua<sup>1</sup> não percebem que alcançar a “competência comunicativa” – termo introduzido por Dell Hymes em 1966 e que se tornou um marco entre os sociolinguistas (Saville-Troike 2003: 4) – requer mais que o conhecimento puramente linguístico. Tomemos como exemplo a expressão de polidez em uma língua: para mostrar delicadeza e boa educação, nem sempre basta conhecer as expressões linguísticas – “obrigado”, “por favor” etc; é necessário, acima de tudo, saber o que é considerado “de bom tom” entre o grupo de falantes e o momento certo para se dizer algo (Holmes 1992: 285). Precisa-se, portanto, ter consciência de que o ato comunicativo é permeado pela cultura de cada interlocutor, e para mostrar polidez tem-se de entender os valores sociais dos grupos com que se interage (Ibid: 297). Segundo Saville-Troike (2003: 12, tradução minha), “[...] a interpretação de significados do comportamento linguístico requer o conhecimento do significado cultural em que se encontra inserido.” Assim, muitos autores afirmam que o aprendiz de uma língua torna-se de fato “competente” apenas quando adquire a capacidade de compreender as implicações socio-culturais do uso da língua, refletindo sobre sua própria cultura<sup>2</sup>, sobre a cultura da língua-alvo, e, ainda, sobre outras culturas com as quais venha a interagir<sup>3</sup>.

A língua está invariavelmente atada à cultura. Os valores culturais são tanto refletidos, quanto transmitidos pela língua. Talvez seja inevitável, portanto, que a representação da cultura entre implícita e explicitamente no ensino de segunda língua” (Harklau 2004: 109, tradução minha).

A competência comunicativa, então, envolve também certa competência cultural, que visa à observação das relações simbólicas entre língua e cultura (Kramsch 2003: 21). Ou seja: é necessário perceber como língua e cultura influenciam-se e, o que é mais importante para o ensino de línguas estrangeiras, como padrões culturais podem ser determinantes para o uso adequado da língua.

Tal competência, contudo, não se conquista através de informações isoladas sobre a cultura de povos ou países – o que se vê em muitas salas de aula. De certo, desde a revolução da abordagem comunicativa no ensino de línguas, materiais didáticos passa-

<sup>1</sup> Aqui, os termos “língua estrangeira” e “segunda língua” são usados sem quaisquer distinções.

<sup>2</sup> Sabe-se que o termo “cultura” dispõe de várias definições; para a finalidade deste trabalho, refiro-me a cultura como Wardhaugh (1992: 217, tradução minha) escreve (definição que se encaixa perfeitamente no conceito de competência comunicativa): “[...] tudo o que uma pessoa precisa saber para atuar numa determinada sociedade.”

<sup>3</sup> Tome, como exemplo, um indivíduo falante de L1 e outro, falante de L2, que se comunicam através de L3.

ram a incluir textos sobre o cotidiano e o modo de vida dos falantes nativos, ou sobre a história e personagens ilustres de um ou outro país. Este gênero de conhecimento não deixa de ter sua importância, claro. Mas a familiaridade de índices culturais não garante a compreensão da língua como fruto de interação social, e tampouco gera nos alunos a percepção de que cada mensagem contém em si certa base cultural (Kramsch 2003: 20-21). Em muitos casos, tal conteúdo consegue apenas fazer com que o aprendiz almeje tornar-se uma “cópia” dos falantes nativos, sem levar em consideração a influência que sua própria cultura exerce sobre os processos de comunicação.

Assim, os componentes culturais normalmente explorados em sala de aula não envolvem, de fato, um genuíno diálogo entre falantes de origens diversas. É aqui, pois, que entra um novo conceito nas aulas de língua estrangeira: o da “competência comunicativa intercultural” (Byram 1997), que destaca o encontro entre culturas como parte essencial da vida contemporânea e do aprendizado de uma segunda língua. De acordo com este conceito, os principais objetivos da instrução em língua estrangeira são o desenvolvimento da consciência de questões interculturais, a habilidade de comunicar-se efetiva e apropriadamente em quaisquer situações e/ou contextos do uso da língua (Lázár 2003: 40), e a capacidade de estabelecer e manter relações com pessoas de outras culturas (Moran 2001: 5).

## O QUE É COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

O termo “comunicação intercultural” refere-se ao encontro e interação entre pessoas de culturas diversas e, como se pode imaginar, tais encontros já ocorrem há muito tempo, desde os primórdios de nossa própria existência (Samovar e Porter 2004: 3). Não existe, portanto, nada de novo no processo de comunicação intercultural em si, mas sim no estudo de tal processo, a partir da segunda metade do século XX. Como Hoopes e Pusch (1979, em Damen 1987: 20, tradução minha) afirmaram: “Nada a respeito das relações humanas inter ou multiculturais é realmente novo, mas, unindo certas idéias sobre comunicação, cultura, sociedade, educação e psicologia emergiu, uma nova forma de observar e de aprender sobre a interação entre culturas”<sup>4</sup>.

Por um lado, as grandes guerras mundiais foram responsáveis pelo contato entre vários povos e, a partir da metade do século, presenciou-se a criação de diversas instituições, órgãos e forças especiais de atuação internacional, além do rápido desenvolvimento das tecnologias de telecomunicação e transportes, das mudanças populacionais e do fenômeno da economia globalizada. Por outro, desde o final dos anos 60 a valori-

<sup>4</sup> David Hoopes (1979, em Damen 1987: 24) marca a emergência da comunicação intercultural como disciplina acadêmica em 1959, com a publicação do livro *The Silent Language*, de Edward T. Hall, quando se viu pela primeira vez “uma análise compreensiva da relação entre comunicação e cultura”. No entanto, a comunicação intercultural como objeto de estudo mantém seu caráter eclético, tomando de outras áreas (antropologia, psicologia, lingüística, comunicação, sociologia) conceitos básicos e diversos pontos de vista. Já o primeiro livro didático dedicado à comunicação intercultural foi publicado somente em 1975, *An Introduction to Intercultural Communication*, de John C. Condon e Fathi Yousef (Damen 1987: 26).

zação do “multiculturalismo” passou a ser promovida em quase todo o mundo, principalmente no âmbito doméstico de certos países com altos índices de imigração. É neste contexto, então, que o conceito de comunicação intercultural começou a ganhar importância e adeptos – à medida em que os contatos entre culturas cresceram em frequência e intensidade.

Pois, para que se alcance a eficiência na comunicação, a diversidade de culturas, apesar de desejável, certamente representa um obstáculo (Samovar e Porter 2004: 2). Na maioria dos casos, é mais comum que o encontro entre pessoas de diferentes culturas produza desentendimentos, e não a comunicação eficiente (Damen 1987; Samovar e Porter 2004). Assim, estudiosos da área de comunicação, lingüistas, lingüistas aplicados, antropólogos, sociólogos e psicólogos voltaram-se às teorias e técnicas da comunicação intercultural para compreender as especificidades – e eventualmente remediar as falhas – dos processos de comunicação entre culturas.

A interação de padrões culturais variados, crenças e valores que cada interlocutor traz ao processo de comunicação intercultural deve ser reconhecido em todo ato comunicativo; quanto maior a variação destes padrões, mais forte torna-se a força divisiva de tais variantes e maiores são as chances de falhas na comunicação (Damen 1987: 24, tradução minha).

Em primeiro lugar, o campo da lingüística mostrou-se determinante para o estudo da comunicação intercultural porque, obviamente, a língua é o principal meio de interação entre pessoas de origens diversas, e é através da língua, também, que os padrões culturais são transmitidos ao longo de gerações. Desse modo, várias teorias lingüísticas concorreram para o estudo das interações entre culturas: por exemplo, os estruturalistas norte-americanos contribuíram com um novo método de observação e análise de dados lingüísticos e culturais<sup>5</sup>; já os sociolingüistas e funcionalistas interessaram-se pelo uso da língua no contexto social<sup>6</sup> e suas variações socio-culturais, trazendo à luz as relações entre língua, cultura, pensamento e percepção<sup>7</sup>, e definindo a questão da competência comunicativa. A antropologia, por sua vez, oferece à comunicação intercultural uma variedade de definições para o próprio termo “cultura”, além do conceito de relatividade cultural. Ainda, a psicologia exerceu grande influência nos métodos de treinamento intercultural e na percepção do indivíduo como fonte de variação psico-cultural.

---

<sup>5</sup> Apesar de a aplicação de tais métodos lingüísticos ao estudo do comportamento cultural não terem sido totalmente bem sucedidos, foi válido o esforço de antropologistas em aproximar a cultura à língua (Damen 1987: 112).

<sup>6</sup> Como já mencionado, o conceito de “competência comunicativa” ou de “competência sociolingüística” observa o conhecimento que membros de um grupo ou sociedade têm de adquirir para fazer o uso adequado da língua dentro do mesmo círculo social (Holmes 1992: 370).

<sup>7</sup> Muitos antropólogos também se ocuparam do estudo de tais relações já no início do século passado. Vale lembrar aqui alguns nomes, como Franz Boas, Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf – este último autor da polêmica hipótese do relativismo lingüístico, que, em sua versão mais radical, afirma que as línguas são responsáveis pela estruturação das percepções que se tem da realidade, e conseqüentemente dos padrões culturais (Samovar e Porter 2004: 143-144; Damen 1987: 124-128).

E, por fim, os especialistas da área de comunicação, que na realidade deram início ao estudo da comunicação intercultural, contribuíram com conceitos básicos acerca dos processos comunicativos e com a idéia de que tais processos sofrem variações culturais (Damen 1987: 28-32).

Dentro do modelo de transmissão/recepção/retransmissão de mensagens do processo comunicativo, verificou-se que os fatores culturais podem influir de várias maneiras. A cultura é determinante no que se refere ao estímulo da comunicação e ao meio por que se dá a interação, que pode ser de natureza verbal, não-verbal ou, ainda, contextual (por exemplo, o ambiente, os conhecimentos e habilidades de cada interlocutor, entre outros). E, claro, os padrões culturais têm papel decisivo na atribuição de significados de cada mensagem – tanto por parte do emissor, quanto do receptor (Damen 1987: 75).

Por “padrões culturais” entende-se, segundo Samovar e Porter (2004: 50, tradução minha), “[...] um sistema de crenças e valores que trabalham em conjunto para prover-nos com um modelo coerente, se não sempre consistente, de percepção do mundo”<sup>8</sup>. Assim, são estes padrões que guiam os membros de uma cultura sobre como pensar o mundo ou sobre seu modo de vida. Tais padrões são desde cedo transmitidos aos indivíduos por uma variedade de fontes – escola, igreja, família, estado, mídia – e têm caráter relativamente estável, duradouro, sistemático e recorrente (Samovar e Porter 2004: 49-50).

Por serem sistemáticos e recorrentes, estudar os padrões da cultura de certos grupos é bastante útil para atingir a competência comunicativa em línguas estrangeiras<sup>9</sup>. No entanto, são muitos os obstáculos ao conhecimento puramente estático: primeiro, os valores de uma sociedade não necessariamente são os valores de cada indivíduo; segundo, os padrões culturais são muito complexos, e não operam isoladamente; muitas vezes, também, os padrões culturais dentro de uma mesma sociedade são contraditórios e sujeitos a mudanças; e, por fim, muitas sociedades são heterogêneas, o que torna difícil a definição exata de seus padrões (Samovar e Porter 2004: 50-51). Como escrevem Byram, Gribkova e Starkey (2002: 11, tradução minha), “[...] é impossível adquirir ou antecipar todo o conhecimento que será necessário para interagir com pessoas de outras culturas”.

A comunicação intercultural nos ensina, portanto, que mais importante que estudar os padrões de culturas específicas é perceber a universalidade das mesmas – Damen (1987: 88) lembra que todas as sociedades geram padrões culturais a partir de necessidades humanas universais – e adquirir habilidades que nos garantam a comunicação eficiente entre quaisquer culturas. Uma dessas habilidades consiste em desenvolver a “consciência intercultural”, que, de acordo com Tomalin e Stempleski (1993; Camilleri 2002: 12), compõe-se de três fatores: a consciência de como o seu próprio comportamento é culturalmente induzido, a consciência de como o comportamento de outras pessoas

---

<sup>8</sup> Por sua vez, define-se “crença” como algo que é aceito como verdade, sem que se demande qualquer prova de sua validade (Samovar e Porter 2004: 48); “valores” são tomados como “[...] idéias compartilhadas a respeito do que é verdadeiro, certo e belo, e que fundamentam os padrões culturais e guiam a sociedade em resposta ao ambiente físico e social.” (Nanda e Warms 1998; Samovar e Porter 2004: 48, tradução minha)

<sup>9</sup> Existem vários modelos que sistematizam o estudo de padrões culturais, dividindo-os em diversas categorias e/ou dimensões.

é culturalmente induzido, e a capacidade de expor, em termos culturais, seu próprio ponto de vista. Outras, chamadas habilidades comunicativas, visam a aperfeiçoar o indivíduo como comunicador, conferindo-lhe uma postura amigável e aberta no diálogo com pessoas de diferentes culturas, o interesse em explorar as diferenças culturais através da comunicação, e a capacidade de perceber e resolver quaisquer desentendimentos que tenham origem nas mesmas diferenças (Byram, Gribkova e Starkey 2002: 12-13, 32). Já as habilidades cognitivas são necessárias para que o indivíduo “aprenda a aprender” sobre as diferenças culturais e possa continuamente adaptar-se às mesmas – por exemplo, identificando, analisando e comparando-as (Lázár 2003: 41; Smith, Paige e Steglitz 2003: 113). E, ainda, alguns autores mencionam a necessidade de se ter orientações positivas frente às diferenças, como empatia e motivação, para que a comunicação seja eficaz (Samovar e Porter 2004: 303, 315).

De acordo com Kramersch (2003: 22), a simples aquisição de conhecimento estático sobre padrões culturais e usos normativos da linguagem é prejudicial à competência comunicativa porque, afinal, “tudo depende do contexto”. Assim, a comunicação intercultural interpreta “cultura” não como uma série de conhecimentos fixos, mas, sim, como um “processo” ou “contexto”: a experiência construída pelos interlocutores e seu entorno<sup>10</sup> no próprio ato comunicativo (Kramersch 1993: 46).

São claras, pois, as relações entre cultura, língua e comunicação, e como a comunicação intercultural caminha junto do aprendizado de línguas. E as influências transitam em duplo sentido: enquanto alunos de línguas estrangeiras desenvolvem sua competência comunicativa através da comunicação intercultural, estudiosos do campo da cultura fortalecem-se com o uso de uma segunda língua. Esta conexão mostra-se relevante, em especial, aos alunos de culturas e literaturas estrangeiras, como é o caso em muitos cursos universitários poloneses. Como escreve Rivers:

Porque grande parte de outra cultura é expressa dentro e através da língua, os alunos de uma língua estrangeira apresentam-se em posição privilegiada para penetrar a cultura em profundidade, muito mais que aqueles que a vêem somente pelos relatos em sua própria língua. Os aprendizes de uma segunda língua são mais capazes de reviver as experiências de uma cultura emocional e intelectualmente [...]. (Rivers 1983: 173, tradução minha)

Finalmente, deve-se lembrar que o próprio Conselho Europeu, em sua publicação *Common European Framework of Reference for Languages*<sup>11</sup>, sublinha a importância da

<sup>10</sup> Aqui, refere-se a vários fatores – sociais, culturais, pessoais – de cunho interno e/ou externo que possam influenciar o processo de comunicação.

<sup>11</sup> Nos anos 90., a partir da necessidade de padronizar os objetivos, avaliações e formas de certificação do ensino de línguas estrangeiras na Europa, o Conselho Europeu elaborou a publicação *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment* (ou CEFR) como “guia” a ser adotado em todo o continente. Em novembro de 2001, foi oficialmente recomendado pelas autoridades europeias (ver *Language Policy Division: a brief history*, publicado em [http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Historique\\_EN.asp](http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Historique_EN.asp) pelo Conselho da Europa). Hoje, a Universidade de Varsóvia, entre outras universidades polonesas, também segue o modelo de referência europeu para as aulas de línguas estrangeiras.

dimensão intercultural no aprendizado de línguas (Byram, Gribkova e Starkey 2002: 7). Como aplicar, então, o conceito da comunicação intercultural às aulas de segunda língua, e, em especial, no contexto acadêmico?

## A COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Tradicionalmente, o componente cultural das aulas de línguas estrangeiras é visto como acessório ao conteúdo lingüístico. Segundo Kramsch (2003: 20-21), até hoje a abordagem da cultura nas aulas de línguas limita-se à transmissão de conhecimentos fixos a respeito das culturas-alvo, como atitudes e pontos de vista que as pessoas de tais culturas apresentam, “itens históricos e sociais que podem ser recobrados através de testes a lápis e papel” e “frases de rotina da etiqueta social que podem ser exibidas durante as entrevistas de proficiência oral” (tradução minha). As práticas de ensino de línguas estrangeiras, portanto, em grande parte ainda não assimilaram a dimensão intercultural às aulas, relegando a segundo plano a importância da competência comunicativa em suas vertentes cultural e sociolingüística.

Entretanto, como já mencionado, a inserção da dimensão intercultural aos planos de estudo de línguas vem se tornando prioridade em todo o mundo, e em especial na Europa. Como escreve Camilleri (2002: 10, tradução minha): “[...] a apreciação da diversidade cultural, e as habilidades de entender e adquirir novas línguas e culturas são alvos importantes no sistema educacional europeu.” Assim, o conceito de comunicação intercultural vem, nos últimos anos, sendo utilizado por lingüistas aplicados e professores de línguas estrangeiras para desenvolver novos conteúdos programáticos e metodologias de ensino. A questão cultural torna-se, então, um dos pontos mais discutidos e valorizados da aprendizagem de línguas.

À medida em que os alunos tornam-se conscientes não apenas dos novos elementos culturais, mas especialmente daqueles aspectos do comportamento e das formas de pensar que possam diferir de seus próprios, suas percepções tornam-se mais refinadas e complexas, habilitando-os a detectar diversas variações e nuances no novo ambiente ou em novas relações. Quanto mais conhecimento e experiência dividem com os interlocutores, mais fácil se faz a comunicação (Camilleri 2002: 11, tradução minha).

De acordo com Byram, Gribkova e Starkey (2002: 9), a dimensão intercultural nas aulas de línguas estrangeiras é especialmente importante para evitar a estigmatização de identidades nacionais e a criação de estereótipos, o que reduz indivíduos a meros representantes de uma cultura ou país e, eventualmente, pode levar ao preconceito. Assim, através da consciência e das habilidades interculturais os aprendizes de uma segunda língua adquirem também o respeito às diferenças entre indivíduos, tornando-se pessoas mais abertas e tolerantes (Camilleri 2002: 23). E, também, a dimensão intercultural permite ao falante de uma língua estrangeira lidar mais habilmente com os choques cultu-

rais, as dificuldades de comunicação e as situações de conflito entre pessoas de outras culturas (Samovar e Porter 2004: 283-300).

Torna-se cada vez mais imperativo para indivíduos e grupos a compreensão mútua, a capacidade de comunicar-se com os outros, e o respeito por aquilo que outras pessoas mais apreciam e valorizam. Agora, mais que nunca, precisamos de eficiência no aprendizado de línguas estrangeiras (Rivers 1983: 131, tradução minha).

O conceito de “mediação” é, desse modo, introduzido para definir as interações interculturais: Byram, Gribkova e Starkey (2002: 9) usam o termo “mediador” ou “falante intercultural”<sup>12</sup> em referência ao indivíduo que, na comunicação entre culturas diversas, tem sucesso não somente transmitindo informações, mas também desenvolvendo relações pessoais. Para os professores de língua estrangeira, é exatamente este falante ou mediador – aquele que está “no meio”, entre culturas, e que sabe administrar as diferenças nos processos comunicativos – que se busca moldar. Resta, no entanto, a pergunta: como fazê-lo?

Há vários modos de despertar a consciência intercultural nas aulas de línguas estrangeiras. Hughes (1984, em Valdes 1988: 167-168) oferece uma lista das oito técnicas mais utilizadas por professores nas salas de aula, que seguem no quadro abaixo:

1. Método comparativo	Apresentação de um ou mais elementos de uma ou mais culturas que sejam diversas daqueles da cultura de origem dos alunos e discussão a respeito das conseqüências de tais diferenças para a comunicação.
2. Assimiladores culturais	Desenvolvidos por psicólogos sociais para facilitar o ajuste a outras culturas; consta da descrição concisa de alguma situação onde pode haver desentendimento entre pessoas de culturas diversas, e apresenta ao aluno 4 possíveis explicações para o incidente, das quais apenas uma é de fato correta.
3. Cápsulas culturais	O professor apresenta algum padrão cultural essencialmente diferente daqueles da cultura de origem dos alunos; faz uso de material visual e/ou audiovisual que ilustrem tais diferenças e estimula a classe, com perguntas, a discutir sobre o tema.
4. Encenações	A técnica envolve diretamente os alunos em situações de desentendimento intercultural, encenando tais situações na língua estudada; ao final de cada encenação, geralmente revela-se a natureza do problema para a comunicação.

<sup>12</sup> A idéia do “comunicador ideal”, capaz de atuar com eficiência entre quaisquer culturas, é expressa de diversas formas – por exemplo, como o “homem mediador” de Bochner (1973; 1981; Smith, Paige e Steglitz 2003: 107), o “homem multicultural” de Adler (1974) e o “mediador como ponte cultural” de Taft (1981).

5. “Unidade áudiomotora” (ou “Total Physical Response”)	Aplicação de comandos orais cuidadosamente organizados, aos quais os alunos devem responder de forma adequada; este exercício de compreensão auditiva é arranjado de modo que os alunos vivenciem uma experiência cultural.
6. Jornais e outros meios impressos	Muitos aspectos culturais são transmitidos pela mídia impressa; textos de diversas naturezas – informativos, publicitários, editoriais, cômicos etc. – podem servir, por exemplo, como base para exercícios de comparação intercultural.
7. Meios visuais e audiovisuais	Filmes e <i>slides</i> , por exemplo, oferecem visões de determinadas culturas que podem ser usadas em uma série de atividades.
8. “Ilha cultural”	O professor cria na sala de aula, através de cartazes, fotos e murais, um ambiente que funciona como uma “ilha cultural”, chamando a atenção dos alunos e estimulando comentários e discussões.

**Quadro 1.** Técnicas da comunicação intercultural aplicada às aulas de língua estrangeira

Além destas, Damen (1987: 280-291) também oferece métodos e técnicas para desenvolver as habilidades interculturais: a autora recomenda, entre outros, o uso de estudos de caso (exercícios em que os alunos, por si próprios, analisam problemas de comunicação e buscam soluções para os mesmos), as técnicas exploratórias de culturas (exercícios de busca de informações sobre outras culturas, como pesquisas, viagens de campo e sondagens de opinião), a criação de diálogos (onde o uso significativo da linguagem é tomado como base) e as entrevistas com falantes da língua. Professores ouvidos por Lázár (2003: 16), por sua vez, mencionaram a organização de eventos (“semana da língua”), o estímulo ao contato com falantes nativos pela internet (fóruns de discussão, emails) e a participação em projetos internacionais ou programas de intercâmbio. Damen (1987: 255), ainda, afirma que mesmo o conteúdo gramatical pode – ou melhor, deve – conter referências à dimensão intercultural do uso da língua.

Fora algumas exceções (como os programas de intercâmbio e o uso da internet), a sala de aula é o que o professor universitário de línguas tem a trabalhar. E, infelizmente, tal ambiente não favorece a aprendizagem “natural” de uma segunda língua: o professor pode apenas simular o “mundo real”. Invariavelmente, o uso da língua acaba engessado dentro de estruturas pedagógicas (Damen 1987: 7). Sobretudo, como lembra Rivers (1983: 113-114), quando a língua estrangeira é aprendida fora de seu contexto, a conquista da competência comunicativa é desafiada tanto pela distância social (falta de oportunidades de interação com outros falantes), quanto, eventualmente, pela distância psicológica (falta de interesse por tal interação).

No entanto, alguns autores também sublinham pontos positivos do ambiente de aprendizagem formal: a sala de aula pode ser vista, por exemplo, como um ambiente “seguro” e especializado de preparação para a comunicação intercultural (Damen 1987: 7-8). Neste ambiente, os alunos podem obter alguma competência nas línguas e culturas estrangeiras antes de aventurarem-se pelo ambiente natural de interação, sem que seus próprios valores e padrões sejam ameaçados. De acordo com Rivers (1983: 175), o estudo

de culturas estrangeiras dentro da sala de aula pode até tornar-se uma “experiência libertadora”, na medida em que o professor, revelando outros pontos de vista e padrões de comportamento, faz seus alunos perceberem melhor, também, a sua própria cultura.

Cabe exatamente ao professor de língua estrangeira, portanto, a responsabilidade por criar na sala de aula este ambiente apropriado à interculturalidade. O que não significa que tenha que ser um falante nativo, ou que deva conhecer tudo a respeito de língua e cultura – na verdade, o professor não tem de ser a única fonte de informação na sala de aula, e pode mesmo aprender junto de seus alunos. Mas, certamente, o professor deve abrir espaço para a curiosidade e para a busca de novas experiências na língua-alvo (Byram, Gribkova e Starkey 2002: 12-13). Isto significa, pois, que seu trabalho é desenvolver as atitudes e habilidades interculturais dos alunos tanto – ou mais – quanto o conhecimento de fatos sobre culturas e línguas (2002: 12). O professor deve, por fim, estimular um ambiente de discussão, de análise, de comparação e de autonomia no processo de descobertas dentro da língua e da cultura – enfim, o ambiente de “aprender a aprender”<sup>13</sup>.

Por outro lado, a idéia de “aprender a aprender” é imprescindível para definir, também, os materiais a serem utilizados na sala de aula intercultural. Segundo Byram, Gribkova e Starkey (2002: 23-24), é importante o uso de materiais autênticos e de origens e perspectivas diversas, para que os alunos possam analisá-los e compará-los criticamente. A autenticidade, aqui, é determinante para que o aprendiz desenvolva, com o tempo, um caminho autônomo na busca pelo conhecimento intercultural. Kramsch (1993: 177-178), entretanto, lembra que a questão da “autenticidade” na dimensão intercultural deve ser vista de modo distinto: um texto “autêntico” não é aquele que simplesmente se opõe ao “pedagógico”, mas aquele cujo uso desempenha genuíno papel social e cultural nos processos de interação<sup>14</sup>. Todo material selecionado dentro da dimensão intercultural tem, assim, de envolver os alunos em interações significativas – com o próprio material, com o professor, com os demais alunos e com o mundo – tanto dentro, quanto fora da sala de aula.

E, finalmente, a dimensão intercultural nas aulas de línguas é, sem dúvida, melhor monitorada através da auto-avaliação dos alunos. Ao contrário das formalidades acadêmicas, que demandam testes mensuráveis do conhecimento, Byram, Gribkova e Starkey (2002: 31) recordam que a competência intercultural compõe-se de atitudes e habilidades difíceis de se avaliar. A auto-avaliação é, portanto, a forma mais adequada não só para que o professor acompanhe o desenvolvimento de seus alunos, mas também para que cada aluno torne-se mais consciente de sua competência. Em seu registro, os alunos

---

<sup>13</sup> Percebe-se, aqui, que o conteúdo das aulas dentro da dimensão intercultural, não privilegiando mais a quantidade de informação transmitida pelo professor, e sim o desenvolvimento de habilidades e atitudes, oferece ao aluno conhecimentos muito menos perecíveis e de maior flexibilidade; como falante intercultural, o aluno pode adaptar-se a transformações e transitar por diversas culturas (Byram, Gribkova e Starkey 2002: 17).

<sup>14</sup> Lembra-se a definição de Kramsch (1993) de cultura como “contexto”. Assim, a autora escreve que a autenticidade do texto não está contida no texto em si, mas em seu uso (1993: 178). No caso da sala de aula, o “contexto cultural” envolve não só o conteúdo de estudo das aulas, mas também o próprio ambiente da sala de aula, o professor, os demais alunos, os métodos e materiais de instrução e as formas de avaliação do conhecimento, entre outras variáveis (Paige, Jorstad, Siaya, Klein e Colby 2003: 180).

exibem suas experiências interculturais (ações, conhecimentos, sentimentos e sensações) e os resultados das mesmas (interesse pelo modo de vida de outras culturas, aquisição de conhecimentos, habilidade em adotar novas perspectivas e vivenciar novas culturas) – assim sugere o *European Language Portfolio*, desenvolvido pelo Conselho Europeu (Byram, Gribkova e Starkey 2002: 30-31).

Vale lembrar que a comunicação intercultural trata, acima de tudo, de um mundo de constantes mudanças, em que somos freqüentemente confrontados com o imensurável “estranho”. Não interessa aos falantes interculturais, portanto, a medição de conhecimentos da língua e da cultura, mas sim a expansão contínua do modo de pensar, “ultrapassando os vínculos monolíngüísticos e monoculturais” (Rivers 1983: 122) – parte do processo ininterrupto de crescimento pessoal e respeito às diferenças.

Assim, pode-se resumir as diretrizes da comunicação intercultural aplicada às aulas de línguas de acordo com o quadro 2:

<b>Objetivos</b>	Fazer dos alunos “mediadores” ou “falantes” interculturais, oferecendo-lhes conhecimentos lingüísticos e culturais, despertando-lhes a consciência intercultural e atitudes positivas, e desenvolvendo suas habilidades cognitivas e comunicativas frente aos encontros com culturas diversas.
<b>Papel do professor</b>	Guiar o aluno por novas experiências interculturais, despertando sua consciência para a relevância de padrões culturais nos processos de comunicação.
<b>Materiais e métodos</b>	Materiais autênticos, que levem o aluno a vivenciar a língua em interações significativas; métodos que estimulem a exploração de diversas culturas, incluindo a própria cultura dos aprendizes, e a aproximação crítica ao uso da língua.
<b>Avaliação</b>	Recomenda-se a auto-avaliação de conhecimentos, atitudes e habilidades interculturais.

**Quadro 2.** Diretrizes da comunicação intercultural nas aulas de língua estrangeira.

Claro, existem obstáculos à adoção da comunicação intercultural no cenário acadêmico de aprendizagem de línguas. Nem todos os professores e/ou instituições de ensino estão dispostos e preparados a introduzir as diretrizes interculturais em seus programas de língua estrangeira. Entre as maiores dificuldades está, por exemplo, a falta de tempo para incluir atividades interculturais nos programas oficiais de aulas. E, também, muitos professores não se sentem à vontade para lidar com questões culturais diversas de suas próprias (Lázár 2003: 29).

No entanto, é em especial nos cursos universitários, que visam a preparar os jovens para a vida adulta e profissional, que a dimensão “entre culturas” confere às línguas estrangeiras relevância inquestionável. De acordo com Dunnett, Dubin e Lezberg (1981, em Valdes 1988: 160, tradução minha), “[...] as experiências interculturais apresentam resultados benéficos aos indivíduos participantes e, com o tempo, a suas respectivas sociedades.” Faz-se necessário, então, pensar novas possibilidades de inclusão da comunicação intercultural no currículo acadêmico.

A comunicação intercultural tenta responder, pois, ao grande desafio por que instituições e professores, hoje, devem passar: o de guiar seus alunos por experiências novas e significativas, a partir da sala de aula. O que vai, certamente, muito além da aprendizagem de línguas.

## BIBLIOGRAFIA

- BYRAM, Michael (1997) *Teaching and assessing intercultural communicative competence*. London, Multilingual Matters.
- BYRAM, Michael; GRIBKOVA, Bella & STARKEY, Hugh (2002) *Developing the Intercultural Dimension in Language Teaching*. Strasbourg, Council of Europe Publishing – European Centre for Modern Languages.
- CAMILLERI, Antoinette G. (2002) *How Strange! The use of anecdotes in the development of intercultural competence*. Graz, Council of Europe Publishing – European Centre for Modern Languages.
- DAMEN, Louise (1987) *Culture Learning: The Fifth Dimension in the Language Classroom*. Reading (Massachusetts), Addison-Wesley Publishing Company.
- HOLMES, Janet (1992) *An Introduction to Sociolinguistics*. New York, Longman.
- KRAMSCH, Claire (1993) *Context and Culture in Language Teaching*. Oxford, Oxford University Press.
- KRAMSCH, Claire (2003) “Teaching language along the faultline”. Em: D. L. Lange e R. M. Paige (coord.) *Culture as the core: Perspectives on culture in second language learning*. Greenwich (Connecticut), Information Age Publishing: 19-35.
- LÁZÁR, Ildikó (2003) *Incorporating intercultural communicative competence in language teacher education*. Graz, Council of Europe Publishing – European Centre for Modern Languages.
- “Language Policy Division: a brief history”. Em: Conselho Europeu – [http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Historique\\_EN.asp](http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Historique_EN.asp) (26.10.2006).
- MORAN, Patrick R. (2001) *Teaching Culture: Perspectives in Practice*. Boston, Heinle & Heinle – Thomson Learning.
- PAIGE, R. Michael; JORSTAD, Helen; SIAYA, Laura; KLEIN, Francine & COLBY, Jeanette (2003) “Culture Learning in Language Education: a review of the literature”. Em: D. L. Lange & R. M. Paige (coord.) *Culture as the core: Perspectives on culture in second language learning*. Greenwich (Connecticut), Information Age Publishing: 173-236.
- RIVERS, Wilga M. (1983) *Speaking in Many Tongues: Essays in foreign-language teaching*. Cambridge, Cambridge University Press.
- SAMOVAR, Larry A. & PORTER, Richard E. (2004) *Communication Between Cultures*. Belmont (California), Wadsworth – Thomson Learning.
- SAVILLE-TROIKE, Muriel (2003) “Extending ‘communicative’ concepts in the second language curriculum: a sociolinguistic perspective”. Em: D. L. Lange & R. M. Pai-

ge (coord.) *Culture as the core: Perspectives on culture in second language learning*. Greenwich (Connecticut), Information Age Publishing: 3-17.

SMITH, Shelley L.; PAIGE, R. Michael; STEGLITZ, Inge (2003) "Theoretical Foundations of Intercultural Training and Applications to the Teaching of Culture". Em: D. L. Lange & R. M. Paige (coord.) *Culture as the core: Perspectives on culture in second language learning*. Greenwich (Connecticut), Information Age Publishing: 89-125.

VALDES, Joyce M., (coord.) (1988) *Culture Bound: Bridging the cultural gap in language teaching*. Cambridge, Cambridge University Press.

WARDHAUGH, Ronald (1992) *An Introduction to Sociolinguistics*. Oxford, Blackwell Publishers.